Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 811

10 DE JULHO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

JOSÉ MALHÔA

CHRONICA OCCIDENTAL

Continúa despertando o maior interesse a viagem d'El-rei pelas ilhas dos Açores, tendo até hoje sido cumprido á risca o programma elaborado em Lisboa, com excepção do desembarque na ilha da Graciosa, que pelo estado do mar não foi permittido.

No Fayal e na Terceira foi enthusiastica a recepção. Em S. Miguel ainda o enthusiasmo recresceu, segundo asseveram os ultimos telegrammas.

A divisão naval portugueza, acompanhada pelos dois couraçados inglezes, entrou no porto de Ponta Delgada no dia 4 pela manhã, passando em frente d'uma flotilha de rebocadores e barcos embandeirados, d'onde irrompiam estrondosos applausos e calorosos vivas.

Enorme multidão apinhava-se nos caes. Os sete navios de guerra e os fortes salvaram todos ao mesmo tempo. E o enthusiasmo continúa, tal como começára em Porto Santo e foi constante, sem um esmorecimento, durante a viagem toda.

Nos maravilhosos passeios que os regios visitantes teem feito atravez da ilha, não lhes teem sido possivel deixar de manifestar sua admiração perante a opulencia da natureza n'aquellas regiões, tão ajudada tambem pelo bom gosto educado dos habitantes. Ponta Delgada possue dos mais bellos jardins da Europa, sendo famosos o dos herdeiros do dr. José do Canto, o da viuva de Antonio Borges e o que circula o palacio onde El-rei se alojou, pertencente ao Conde de Jacome Correia.

A divisão naval portugueza, sempre acompanhada pelos couraçados inglezes, deve entrar no Tejo no proximo domingo, 14, pelas 10 horas da manhã. Mais alguns navios de guerra irão fóra da barra para se encorporarem no cortejo, que será deveras magnifico. A sala do risco no arsenal de marinha será ornamentada sob a intelligente direcção de Feliciano Bordallo Pinheiro.

El-rei, logo depois do seu desembarque, dirigir-se-ha aos paços do municipio, onde receberá os cumprimentos do presidente da camara.

Em Cintra tambem se preparam manifestações de regosijo, quando suas majestades voltarem para o palacio da Pena.

E com ellas terminará um mez de verdadeiras festas, que devem ter no animo dos regios viajantes causado impressão profunda.

Lisboa acordará por umas horas do marasmo em que periodicamente a lança a chegada do calor e o abandono em que a deixa a grande maioria de seus habitantes ricos.

Já pela Avenida, á tarde, são raros os passeantes, que se encontram gosando um bocado da fresca sombra dos ulmeiros, alameda já lindissima, que teremos de ver um dia arrasada a pedido d'algum influente visinho, que deseja ver quem passa.

E' o grande refugio á noite para todos os que teem que arrostar na cidade com estes temiveis calores do mez de julho.

No Colyseu, estas ultimas noites, é que de todo, não fôra a atmosphera, se perdia a lembrança do tempo que vamos atravessando, taes foram as enchentes, o enthusiasmo de todos, a curiosidade despertada por uma grande novidade artistica, a representação de *D. Mecia*, estreia felicissima de Oscar da Silva no theatro lyrico.

Na Trindade continúa a agradar a companhia de zarzuela com Nadal como primeira figura, e no Rua dos Condes teve feliz carreira a peça de Esculadio, *Francezes no Bussaco*.

Anda por fóra grande numero de companhias portuguezas. Ainda pelo ultimo paquete partiu para os Açores o prupo artistico formado por actores dos theatros D. Amelia e Gymnasio, que ha dois annos lá esteve e o anno passado no Brazil e que é conhecida, ninguem sabe porquê, pelo nome de companhia ingleza. Sousa Bastos anda com sorte no Brazil e Joaquim d'Almeida está representando na Madeira.

Para o inverno esperam-se novidades em differentes theatros de Lisboa.

No dia 6 reuniu a empreza societaria do theatro de D. Maria, sendo eleito gerente o actor Ferreira da Silva. Entraram para a sociedade o actor Carlos d'Oliveira e as actrizes Cecilia Machado e Georgina Pinto. O actor Carlos Posser, que até hoje gerira a sociedade, foi agora nomeado thesoureiro, cargo até aqui desempenhado pelo actor Ferreira da Silva.

A empreza do theatro D. Amelia vai organisando o seu repertorio para a epocha proxima, tendo já escripturado duas novas actrizes de largo futuro, Delfina e Laura Cruz, que, como é sabido, deixaram de ser societarias do theatro de D. Maria, depois de haverem feito parte do primeiro grupo de artistas a que o theatro foi concedido.

O tempo vai agora pouco para espectaculos em salas fechadas. Toiradas e cyrios a elles corre toda a gente.

São constantes n'esses arredores de Lisboa e do outro lado do Tejo, singrado pelas faluas embandeiradas, entre a estalada dos foguetes

A temperatura tem augmentado fortemente n'estes ultimos dias. Não nos devemos entretanto queixar, pois que em alguns paizes, e sobretudo em Nova-York, o calor tem sido tal que muita gente tem morrido de insolação. Os hospitaes estão cheios de doentes e os medicos e os enfermeiros já não podem dar conta do serviço.

Em Portugal é Lisboa, segundo os boletins publicados, quem leva a palma ás outras cidades. No entanto a temperatura maxima pouco além foi de trinta gráos

E' o tempo dos exames, e o calor ainda mais faz desejar que cheguem as ferias para o descanço tão preciso. Que enormes alegrias no lyceu e nas escolas! Que desesperanças! que horas compridas de receio! E a sorte, como em tudo na vida, tambem ali, protegendo uns, abandonando outros!

Ferias!

Ha que tempos que lá vai a mocidade e ainda é um nome alegre. E' a casa com os filhos todos em volta da mesa, é o descanço para elles depois

d'um anno de trabalhos, que desde criança é preciso ir-se luctando pela vida.

O descanço chegou agora para aquelles que o souberam ganhar, e as noites bem dormidas, sem um sobresalto, sem o pesadêlo do que trará comsigo a nova madrugada.

Assim dormem os bons, os que teem a consciencia do dever cumprido. Quantos se podem gabar de noites dormidas d'um somno, sem um espinho que véle constante e a noite martyrise, feito de remorsos ou de cuidados feito?

A opinião publica, que a principio se mostrára favoravel á mulher que, aproveitando o somno do marido, sobre elle descarregára o revolver, assassinando-o, fundava-se para a sua compaixão no muito que essa mulher, que fôra intelligente e parecia ter dado em doida, deveria soffrer pelo remorso, que fóra da paixão a accomettesse, pela propria vida que arruinára. E essa compaixão foi tão longe que até queria que logo lhe perdoassem. E quasi ninguem pensava no desgraçado, que fôra bom e apodreceu na morgue, e todos se interessavam pelos vinhos e colxões que a presa escolhia no Aljube.

Despertava interesse o seu passado artistico e logo na academia se venderam os quadrinhos de flores que alli tinha expostos.

Assim a todos sempre interessassem os artistas portuguezes, mesmo quando a crimes tragicos não tivessem seus nomes ligados.

Dois obtiveram agora, com intervallo de poucos dias, enormes ovações. Mas elles que digam o que lhe foi preciso luctar para conseguir pôr as suas obras de pé e apresental-as condignamente ao publico.

Refiro-me a Alfredo Keil e Oscar da Silva.

O primeiro e a sua bella obra, *A Serrana*, eram já conhecidos. Foi agora uma simples renovação de applausos.

Oscar da Silva apresentou-se pela primeira vez, com seu nome só estimado por meia duzia de amigos e admiradores. O triumpho foi completo. O poema de Julio Dantas difficilmente encontraria quem lhe desse na mais bella das artes interpretação mais completa. Quando o barytono acabou a sua canção, sobre um acompanhamento melodico de formosa inspiração portugueza, a platéa de pé, commovida e enthusiasmada, fez a Oscar da Silva, chamado ao palco, uma das maiores ovações a que temos assistido em theatro.

E elle tão modesto!...

Porque tem de quê.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MALHÔA

Por mais d'uma vez se tem o Occidente referido ao eximio pintor, que tantas vezes, não só em muitas exposições realisadas em Lisboa, mas n'outras importantissimas do extrangeiro, sempre honrou Portugal e mereceu do jury, formado por homens da maior competencia, muito honrosas recompensas.

Ainda ha pouco, em Madrid, foi classificado entre os primeiros, o que lhe mereceu em Lisboa a offerta d'um jantar, a que assistiram muitos dos nossos primeiros artistas e amadores d'arte, e em que foi enthusiasticamente brindado.

Na exposição de bellas artes, ha poucos dias encerrada, eram notabilissimos os retratos que expunha e pertencia a José Malhôa o logar d'honra.

Não foi sem muito luctar, e até desanimando ás vezes, que José Malhôa obteve a classificação, de que hoje póde gloriosamente usar, de grande artista. Os seus concursos para pensionista em Paris, a classicação que obteve em 1876 e as difficuldades levantadas pelo governo, descoroçoaram-o por tal fórma, que, desistindo da carreira, que se lhe deparava brilhante, metteu-se na vida commercial, que só abandonou em 1881.

Bem andou continuando a luctar.

Logo no concurso para o quadro da Partida de Vasco da Gama para a India obteve o primeiro premio, que lhe foi conferido pela Camara Municipal de Lisboa.

Nos paizes extrangeiros tem-se apresentado em Madrid, Rio de Janeiro, Paris, Liverpool, S. Petersburgo e Berlim, onde obteve uma segunda medalha.

Em todas as exposições portuguezas da Sociedade Promotora de Bellas Artes, Industrial e Artistica, Grupo do Leão, Gremio Artistico, Sociedade de Bellas Artes no Porto, etc., José Malhôa tem obtido as mais altas classificações.

José Vital Branco Malhôa nasceu nas Caldas da Rainha em 1855 e matriculou-se na Academia de Bellas Artes em 1867.

E' cavalleiro de Malta e commendador de Isabel a Catholica. Possue a medalha de prata da Cruz Vermelha e tem as honras de academico de merito da Academia de Bellas Artes.

Além de excellente pintor, Malhôa é professor afamado, sendo grande o numero de seus discipulos que muito o honram.

O POETA GARCIA

Drama historico em 5 actos por Sanches de Frias

Da vida do notavel poeta, auctor do *Viriato Tragico*, Bras Garcia Mascarenhas, guerreiro e poeta a um mesmo tempo, pouco se conhecia relativamente, a não ser o que d'aquelle seu poema se deduz.

Barbosa, Bento Farinha, Costa e Silva, Innocencio e ainda outros biographos copiaram sucessivamente o que individuos mal conhecedores do assumpto primeiro escreveram. Apenas Camillo, em referencia a determinados episodios, esboçára no seu romance *Luctas de gigantes*, a vida de Bras Garcia. Da sua genealogia não havia a menor noticia. A data do nascimento não andava certa, e a do casamento era desconhecida.

Utilisando documentos publicos e particulares, que insistentemente procurou, conseguiu o sr. Sanches de Frias apresentar não só a genealogia completa do poeta como ainda a ascendencia de sua mulher, o que tudo consta do interessante estudo que precede o drama historico original do mesmo illustre escriptor e agora publicado.

Correndo a respectiva arvore de geração vemos assim indicada a genealogia do poeta; supprimindo nós as respectivas notas dos documentos corroborativos.

«*Bras Garcia Mascarenhas*, que nasceu em 10 de fevereiro de 1595, conforme o assento original que vimos e copiámos, e falleceu em 8 de agosto de 1656.

«Foi capitão de infantaria, governador da praça de Alfaiates nas guerras da feliz acclamação d'este Reino, dotado de Valor e Letras Humanas, sabio em poesias, como testemunham os seus escriptos, assim os que se deram ao prelo em Poema Heroico com o titulo *Viriato Tragico*, como outros mais, que se acham manuscriptos em poder de alguns parentes e pessoas curiosas; e foi cavalleiro professo da ordem de S. Bento de Aviz.»

«Casou em 19 de fevereiro de 1645, em Avô, com D. Maria Fonseca da Costa, filha de João Manuel da Fonseca, natural de Anceris, capitão-mór de Avô e seu termo, e D. Maria Madeira da Costa, 6.ª filha do rico e honrado Gaspar Dias da Costa, que tambem ali exerceu o cargo de capitão-mór, e de sua mulher D. Suzana Manuel Madeira. Teve:

«1.º — Thomaz Garcia Mascarenhas, nascido em 1646. Casou, sendo estudante da Universidade de Coimbra, com D. Comba da Conceição, e morreu pouco depois do casamento, sem geração, a 9 de abril de 1664, segundo a certidão d'obito, tirada pela viuva.

«2.º — Quiteria da Costa Mascarenhas, que segue:»

No capitulo V do *Estudo previo* com que abre o volume faz o sr. Sanches de Frias um assaz completo *Esboço biografico* do poeta, de que com a devida venia reproduzimos os topicos principaes, por nos ser impossivel transcrevel-o por inteiro. Que nos perdoe o erudito investigador a mutilação do seu bello estudo.

Bras Garcia Mascarenhas, como se prova com a mencionada genealogia, que precede estas linhas, nasceu de paes nobres e abastados, na risonha e fertil villa de Avô, situada ás margens do Alva, termo ou comarca de Arganil, a 10 de fevereiro de 1595.

Chamaram-se êlles Marcos Garcia Mascarenhas e Elena Madeira.

Ao tempo, como ainda posteriormente, as duas profissões mais distinctas eram as das armas e das letras, aquellas exercidas pela militança e estas pelo estado sacerdotal.

Bras, genio fogôso e cavalheiresco, na frequencia dos estudos, que fora cursar a Coimbra, sentiu-se inclinado para as armas, em que procurou instruir-se profundamente, apesar das tropelias, arruaças e folganças, em que se distinguia entre os academicos mais audaciosos e gracejadores.

Era seu condiscipulo e amigo intimo Diogo Cesar de Menezes, mancebo lisboeta e nobre, filho do general de artilharia e alcaide-mór de Alemquer, Vasco Fernandes Cesar, e de D. Anna de Menezes, da descendencia dos condes da Feira e dos senhores de Cantanhede.

Generoso e valente, destemido e brigão, á moda da epoca, pode dizer-se, sabendo que o seu amigo Diogo fôra atraiçoado por outro estudante egualmente nobre, lisboeta e pertencente á casa dos condes de Santa Cruz, D. Antonio de Mascarenhas, que lhe conquistara a namorada, Bras tomou esses aggravos como seus, insultou a dama, e despicou completamente o amigo, batendo-se em duelo com D. Antonio, a quem feriu gravemente.

Aconteceu isto n'um solemne dia de festa.

Preso em flagrante, não sem espadeirar a rolda, do que resultou a decepação de dois dedos a um dos soldados, foi conduzido á cadeia da Portagem, d'onde por estrategia e á força o livraram o amigo desagravado e seus irmãos, que a esse tempo frequentavam a universidade.

Bras Garcia, no seu poema, dá-nos elle proprio, clarissimas noções d'essas passagens da sua vida.

. . . .

Açulada pela parentela e criados de D. Antonio de Mascarenhas e mais gente, que acorrera á Portagem, no momento da fuga, e, ao que parecia, ainda experimentara as espadeiradas dos amigos e parentes do poeta, uma determinada multidão perseguiu-o até além da ponte.

A certa distancia porém estava postada uma cavalgadura, que rapidamente montada pelo fugitivo, o transportou, velozmente, para longe da vista dos perseguidores, que retrocederam tão raivosos como desanimados.

Constituindo o delicto e a fuga crime grave, Bras Garcia saiu do reino, não sem brigar na fronteira com dois salteadores, um dos quaes matou, e dirigiu-se a Madrid, capital da peninsula, á espera de que se apaziguasse o litigio, ardentemente sustentado nos tribunaes pelos seus inimigos, capitaneados por D. João de Mascarenhas, pae de D. Antonio.

*

D'aqui se originaram as viagens diversas e demoradas, que fez por Hespanha, França, Italia, Flandres e Brazil, como adiante notaremos.

Madrid pareceu-lhe uma Babilonia, repleta de fausto e grandeza, de delicias e esplendores e tambem de falso brilho e ouropeis.

. . . .

Depois de um anno de profunda analise e correspondente desilusão, como denunciam esses versos, o fogôso mancebo, enfastiado tambem, o que é licito suppor-se, da capital estrangeira, usurpadora da sua patria, resolveu transferir-se a outros pontos da Europa, tomando passagem a bordo de um patacho, que abicara á enseada do Guadiana.

Pouco distante de terra, ao dobrar o promontorio Sacro, o navio foi atacado de subito, pelos turcos, que pretendiam tomal-o, e escravisar tripulantes e passageiros.

A abordagem fez-se, ferindo-se uma renhida e mortifera luta, em que o nosso heroe tomou parte saliente, como era de prever.

Quando já no convez se nadava em sangue, surge por barlavento uma alterosa nau, que se dirige rapida ao local da contenda, e incute, por esse motivo, na gente christã nova coragem e esperanças de soccorro.

Os turcos apavorados e mais experientes fogem com a maxima rapidez, fazendo-se ao largo, e os sobreviventes da refrega reanimam-se completamente.

Foi passageiro este alivio.

A gente da forte nau, recebida a bordo do patacho, como amiga, pertencia a um rico corsario holandez, que se apoderou do navio e da carga, mandando lançar n'um bote rôto, mercê da Providencia, os passageiros e a tripulação, á excepção do piloto, que o ladrão do mar conservou junto de si para lhe guiar a rota, ao longo da costa hispanica, por onde tencionava divagar, á caça de nova presa.

O nosso heroe fazia parte dos poucos vivos, que alquebrados e semi-nús lograram saltar em terra, na turdula praia, isto é, na costa da Bética, ou Andaluzia.

Sem se temer do mau agouro, que representaria para espiritos debeis, este nefasto acontecimento, embarcou-se novamente, pertinaz e resoluto, e dirigiu-se aos paizes já mencionados, demorando-se a viajar durante dois mezes, no fim dos quaes, aportava, de volta, á embocadura do Douro, d'onde seguiu, ao que pode julgar-se, ainda clandestinamente, para o seio da familia.

Incitado pela fama das riquezas transatlanticas e ainda mais, ao que se supôz, pelo desejo de correr aventuras e de proseguir na carreira militar, tornou a navegar a bordo de um navio, que se dirigia a differentes portos do Brazil.

*

Acontecia-lhe isto em 1623, e por tanto aos 28 annos de edade.

Mau fado lhe perseguia insistentemente as navegações.

Durante esta nova e mais longa viagem occorreram calmarias, tormentas e ataques sanguinolentos de corsarios e aventuras de ordem variada, até á sua chegada á Bahia.

....

Continuando instructivamente a percorrer as costas brazilicas, soffreu tão violento naufragio, que se julgou, d'esta vez, irremediavelmente perdido, vindo, a final, a salvar-se miraculosamente entre os poucos, a quem a sorte concedeu vida.

....

Esgotada ou perdida a curiosidade, escarmentado e aborrecido aportou a Pernambuco, que mais formosa terra lhe pareceu dentre todas as povoações coloniaes, que visitara.

....

Surprehendido pelo ataque dos hollandezes, que sabedores da politica desleixada e titubeante de Hespanha, se desforravam de antigos e repetidos aggravos, tentando apoderar-se das nossas colonias, Bras Garcia tomou parte calorosa na guerra, cujos pormenores e lances varios de terra e mar reduziu a escrita, infelizmente perdida, como a seu tempo indicaremos.

Batalhando, no posto de alferes, quando as investidas dos hollandezes obrigavam á campanha brancos e pretos, europeus e gentios, moços e velhos; e poetando nos intervallos das sanguinolentas refregas — gastou o destemido e patriotico beirão, contado o remanso anterior á guerra, longos nove annos, ao fim dos quaes resolveu regressar á patria.

....

N'isto rebentava a revolução resgatadora de Portugal contra o jugo de Hespanha, já quasi ao terminar do anno de 1640.

Bras sentiu acordar em si todos os seus brios patrioticos e guerreiros, já estimulados por luctas, que sustentara contra os seus adversarios e os de sua familia.

Reaceso o amôr patrio, aos primeiros ecos da contenda, a sua alma sentiu todas as exaltações proprias do homem, que era destemido e valeroso, e amava excessivamente a liberdade.

Que fazer portanto, ao grito unanime dos patriotas, que se acercaram de D. João IV?

Partir para a côrte, como militar experiente e intrepido, e apresentar-se ao serviço da patria e do monarcha, a quem seria apresentado pelo seu bom amigo o citado abbade Jacintho Freire de Andrade, antigo e conhecido sequaz do partido da casa de Bragança e intimo do principe D. Theodosio, que, como seu pae, lhe admirava as qualidades de homem tão sincero como jovial e tão virtuoso como sabedor.

....

Partindo da côrte, depois de pequena demora, dirigiu-se a Avô, d'onde saiu em propaganda patriotica, a aliciar, entre a mocidade mais luzida e nobre, voluntarios, que ajudassem a limpar a fronteira, e livral-a das tropas hespanholas.

Organisado um valente regimento de cavallaria, entre a gente que buscava, e que o aclamou seu capitão, foi Bras Garcia occupar a praça de Pinhel, d'onde fez taes sortidas e em diversos logares praticou tão assignaladas proezas que a semelhante gente aguerrida da Beira se deu em publico, e com grandes gabos, o cognome de *Companhia dos Leões*, encorporada ao principio apenas com cento e cincoenta homens.

Depois de se ter glorificado com os raros dotes do seu commando, jornadeou Bras Garcia Mascarenhas para o concelho de Sabugal a tomar conta da praça de Alfaiates, de que fora nomeado governador.

Depois de a ter melhorado, externa e internamente, com novos e melhores objectos de defensa e ataque, fortificando muralhas, alargando fossos, e reforçando o armamento, como era mister, um acto de extraordinaria bravura, foi em vez de motivo de recompensa, mais um ataque formidavel da adversidade, que por tantas vezes lhe assaltara o animo e as forças.

*

Eis o caso.

Um corpo numeroso de infantaria e cavallaria hespanholas, ultrapassando a fronteira, viera hostilizar os povos circumvisinhos, e depredar campos e herdades; ao fim do que procurava retirar-se, conduzindo valiosos despojos, onde entravam alguns milhares de cabeças de gados diversos.

Quando chegava a noticia ao castello de Alfaiates, recebia o governador um officio do general D. Sancho Manuel, commandante da Beira, a ordenar que Bras Garcia Mascarenhas não saisse da praça, sem que elle chegasse com reforço de tropas, sob pretexto de que, sem este soccorro, a dita praça correria risco.

No mesmo dia e quasi á mesma hora, Fernão Telles de Menezes, outro general, governador do districto, mandava ao commando de Alfaiates ordem em contrario, isto é, que Bras Garcia fizesse da sua parte todo o possivel para castigar o inimigo invasor, sem perda de tempo.

Entre duas determinações superiores, mas contradictorias, a hesitação foi momentanea, Como era natural, o seu animo brioso e a sua coragem, já de si, tão gloriosa e conhecida, levaram o nosso heroe a optar pelo que julgava mais urgente e patriotico.

Deixando a praça convenientemente guarnecida e acautelada contra qualquer surpreza de ataque, saiu com duzentos mosqueteiros, onde deviam entrar numerosos bravos da *Companhia dos Leões*, e foi embuscar-se em dois sitios estrategicos, junto do rio Agueda, dois montes, que guarneciam um vale, por onde as tropas hespanholas haviam forçosamente de passar.

Quando estas, trazendo á frente gados e despojos, enchiam o vale, sentiram-se mortiferamente ladeadas por numerosas cargas de mosquetaria, que lhes choviam do alto; e, julgando que tinham que haver-se com um grande troço do exercito portuguez, enfraqueceram, e entraram em debandada, abandonando o campo e deixando ali todos os valores roubados e grande numero de mortos.

Bras Garcia, mais uma vez, dera elevada prova da sua pericia militar e correspondente bravura, commettendo tão meritorio e arriscado feito de armas.

Ao regressar triumphante á praça do seu commando, encontrou ali D. Sancho Manuel, que, exasperado por lhe ter fugido uma boa occasião de gloria propria, ou por mesquinha inveja da brilhante acção de guerra, ou por inimisade pessoal e alheia, em vez de premiar e louvar, como devia, o famoso capitão dos *Leões*, lançou-lhe em rosto o ter desobedecido ás suas ordens, prendendo o em continente, e mandando-o encerrar no castello do Sabugal!

....

Bras Garcia revel e traidor . . elle, que dera sempre, e acabava de dar ainda os maiores testemunhos de fidelidade e amôr á patria e decidida aversão ao dominio estrangeiro ! !

Não podendo, como preso, politico, communicar com os amigos e parentes, que pretendiam advogar-lhe a causa, julgando-se talvez desamparado de todos, o nobre poeta ideou um engenhoso meio de fazer que as suas queixas podessem transpor as grossas muralhas da prisão, e escapar á ferrenha vigilancia dos seus algozes.

Pelo servente, com quem unicamente se avistava, mandou sollicitar ao governador do presidio, com instancia e por elevada mercê, que lhe mandassem um livro para regalar o espirito, já que lhe não consentiam a escripta; agulha e linhas para remendar os seus vestidos esfarrapados e uma pouca de farinha, com que pudesse manipular umas papas, destinadas á ferida, que padecia n'uma perna.

Por escarneo, e por entenderem malevolamente que Bras Garcia tinha precisão de se compadecer com a vida dos martyres, e virar-se para Deus, diante de quem não tardaria a comparecer, mandaram-lhe o *Flos Sanctorum* com os outros objectos, que pedira, e que a ninguem se tornaram suspeitos.

Procedendo a um trabalho de pasmosa tenacidade e correspondente minucia, o infortunado poeta arrancou das guardas do livro uma folha em branco, cortou do impresso todas as syllabas e letras necessarias á escripta, que não podia fazer, collou as com a massa da farinha, e assim compoz uma carta, em verso, em que relatava a D. João IV todos os episodios do seu infortunio, as aleivosias, de que era victima, a sua situação e innocencia.

Alta noite, um dos guardas, confidente do prisioneiro e dos seus amigos e parentes e, ao que parece, conterraneo seu e antigo subordinado, recebia presa a uma linha a estranha missiva, que dentro em pouco seguia caminho de Lisboa.

*

El-rei surpreso pela narrativa do seu honrado e valente servidor e não menos pela engenhosa traça, com que elle conseguira fazel-a chegar á sua presença, ordenou ao secretario de Estado, Francisco de Lucena, que, por decreto, lhe mandasse apresentar, sem demora, o prisioneiro do Sabugal.

O prepotente ministro, ao que se suppõe, inclinado a favorecer os odios de D. Sancho Manuel e quiçá dos Mascarenhas, permittiu-se alegar quaesquer razões em sentido contrario. O monarcha porém carregou o sobr'ôlho, e repetiu a ordem.

Conduzido a Lisboa entre escolta, ainda por menospreço dos seus inimigos, ou pelo julgarem em caminho da fôrca, Bras Garcia, avelhentado, pobre do vestuario, rosto macilento, passos demorados, commovendo a todos, que accorreram a vel-o, justificou-se plenamente na audiencia regia, que lhe foi concedida, e d'ella saiu triumphante.

El-rei declarou-o ilibado, sem mancha, condecorou-o com o habito de Aviz, nomeou-lhe uma tença, restituiu-o ao governo da praça de Alfaiates, e nomeou-o inspector da cavallaria da comarca de Esgueira.

....

Casando cinco annos depois da restauração e aos cincoenta de edade, vê-se claramente que Bras Garcia contrahiu nupcias na occasião de se retirar á vida privada e ao remanso da labutação campesina.

Realisado o seu consorcio aos 19 de fevereiro de 1645, pode-se dizer que os annos a seguir consagrou-os o poeta á revisão dos seus versos antigos e dos que a sua fé christianissima lhe inspirava em festividades religiosas, onde se representavam obras suas; á elaboração do seu poema predilecto e á convivencia de amigos e conterraneos, que faziam da sua casa um cenaculo, onde encontravam prompto conselho, amena diversão, parecer auctorisado e franca hospitalidade, qualidades proprias de quem tanto sabia, e merecia.

E' pois este vulto admiravel de poeta e de guerreiro que o sr. Sanches de Frias nos apresenta no seu drama, oppondo á luz do proscenio a sua figura athletica de espadachim valoroso e poeta enamorado, com todos os predicados do seu temperamento ardente, seductor e prestigioso.

Aparte uma figura feminina de convenção, o drama é rigorosamente fiel á historia, como se verifica da sua leitura e dos periodos do esboço biographico que recortámos. A intensidade dramatica dos factos manifesta-se egualmente no drama.

Pena é que não fosse levado á scena pela sociedade de D. Maria, quando ha cinco annos foi entregue a este theatro e ahi esteve demorado perto de um anno, a despeito de ter sido ajustado préviamente, e até pedida urgencia ao auctor.

A este grave incidente dedica o sr. Sanches de Frias varias considerações muito elucidativas e edificantes.

*

O retrato de Bras Garcia e a vista da villa de Avô que publicamos n'este numero, são os que illustram o estudo genealogico de que tratamos.

R.

Os reinos orientaes de Sunda

(CARTA Á REDACÇÃO)

Ex.mo amigo e sr. Lá vae uma outra noticia que julgo de muito interesse e importancia para os que se occupam de investigações da historia de Portugal no oriente e das suas relações com os rajahs e dominantes d'aquelles paizes.

Todos conhecem a existencia actual, em Gôa, da casa real indigena de Sunda ou Sundém, cujo chefe não é bem um principe tributario da corôa portugueza, como os ha no imperio anglo-indiano, mas vive sob a protecção da nossa bandeira, e é considerado *hospede* do Estado.

O estabelecimento d'esta casa e reino na India data dos annos de 1570 a 1580, foi posterior á fundação do imperio portuguez do oriente, e durou dois seculos.

A nossa historia falla tambem de um reino de Sunda, a que alguns attribuem a duração de oito seculos, e com que Portugal teve tambem relações e celebrou tratados. Mas é tal a confusão a que tem dado logar a identidade de nomes, que aos olhos de muita gente e de varios escriptores passam como um e o mesmo esses dous reinos de Sunda.

Ora o outro reino de Sunda, muito anterior aos estabelecimentos portuguezes, era um dos das ilhas ou do archipelago de Sunda ou Sonda, na Oceania. Não fazendo parte do continente indiano, é claro que não se encontram noticias d'elle na historia geral da India.

O nome de *Sunda* com que são conhecidas todas essas ilhas do archipelago malaio, que se extendem desde a peninsula de Malaca até a Nova-Guiné, deriva provavelmente do sâmscrta *Sindu*, mar, rio, grande agua, e comprehende, entre outras, Timor, e a nossa antiga Solor, mas as principaes são Sumatra e Java (*Encyclopædia Britannica*. — *L'Univers*, por G. L. D. de Rienzi.)

É sabido que as antigas instituições javanezas foram de origem hindú (*De la Propriété et des ses formes primitives*, por E. de Laveleye); o seu *Dessa*, communidade de aldeia, é palavra indiana. A civilisação de Sumatra teve a mesma origem. Certas inscripções parece certificarem a existencia, ali, de um poderoso reino hindú, no VII seculo, em Tanah Datar, não longe da antiga capital de Me-

nangkabau; são numerosos ahi os vestigios da influencia hindú, embora não tão importantes, como em Java; ainda hoje se encontram palavras sámscrtas na sua linguagem fallada; e a *ficus religiosa*, a arvore sagrada dos hindús, é-o tambem dos Battaks (citada *Encyclopædia*).

É pois com o reino malaio de Sunda, e não com o indiano do mesmo nome, (que não existia a esse tempo), que foram as primeiras relações dos portuguezes, de que falla a historia. Em 1526, o governador da India, Lopo Vaz de Sampaio, despachára Francisco de Sá com frotas para a ilha de Sunda. Já antes d'isto, o rei de Sunda, na occasião da primeira visita portugueza que recebêra, de Anrique Leme, tinha offerecido um logar para a construcção d'uma fortaleza, e um tributo annual de 350 quintaes de pimenta ao rei de Portugal, em consideração ao auxilio que lhe fôra prestado contra os mouros pelos portuguezes.

Em 1528, por ordem do mesmo governador da nossa India, partira para ali Martim Affonso de Mello Jusarte com ordem de construir essa fortaleza em Sunda, tocando de caminho em Colombo (Ceylão). E em 1532, o governador Nuno da Cunha, o famoso conquistador de Baçaim, Damão e Diu, que, na sua viagem de regresso, veiu a fallecer junto do Cabo da Boa-Esperança, proferindo estas palavras — *Ingrata patria, non possedebis ossa mea*,—e ordenando «em testamento «que se pagassem a El-Rei os ferros, com «que mandou deitar seu corpo ao mar, «por achar em sua consciencia, que de «outra cousa lhe não era em cargo», (Fr. Luiz de Sousa, *Annaes d'El-Rei D. João III*), esse austero Nuno da Cunha concluira um Tratado de Paz com os habitantes d'essa ilha, pelo qual ella passára para os dominios de D. João III, rei de

BRAZ GARCIA MASCARENHAS

Portugal. Este Tratado é datado de 27 de janeiro, foi celebrado, na ilha de Sunda, porto de Agasim, com o Sambadar (ou *Subádar*, governador) da localidade e Ai Talapo, o capitão Abidola, e apparece entre os documentos existentes em Lisboa no nosso Archivo da Torre do Tombo (Corpo Chronologico, Parte 1.ª, Maço 48, Doc. 47.)

Consta ainda que Mem Lopes Carrasco partira para essa ilha de Sunda em 1569, avistando n'essa occasião o porto de Achin (Sumatra), exactamente ao tempo em que o rei de Achin marchava contra Malaca. E que, em 1600, tendo André Furtado sido mandado para reconquistar as Molucas, elle conseguira antes d'isso expulsar de Amboina e Sunda os hollandezes que ahi tinham conseguido estabelecer-se.

Já vimos que este reino de Sunda era tributario de Portugal por virtude do Tratado com Nuno da Cunha, de 1532. E aos 19 de setembro de 1547 fôra celebrado em Gôa contra Idalcão (Adil-Xá ou Hidalkan) outro Tratado, de alliança defensiva e offensiva, entre o embaixador de Cidacio (Sadassiva) Rao, rei de Bisnagar e D. João de Castro, o celebre heroe de Diu, o *Castro forte* da epopeia portugueza, que empenhára os cabellos da sua barba em garantia de um emprestimo para soccorrer Diu, o chamado por varios chronistas *ultimo heroe portuguez no oriente*, que morreu em Gôa nos braços do Apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, declarando á hora da morte, na falla publica que dirigiu ao entregar o governo: «Hoje não houve nesta casa dinheiro com «que se me comprasse huma gallinha; «porque nas armadas que fiz, primeiro «comião os soldados os salarios do Go«vernador, que os soldos de seu Rei»; e pedindo que ordenassem uma despeza e

VILLA D'AVÔ

Gravura extrahida do livro *Braz Garcia Mascarenhas*

O Real Theatro de S. Carlos

uma pessoa para o tratar durante a doença (Vida de D. João de Castro, por Jacintho Freire d'Andrada).

Por esse Tratado de 1547, que está no *Tombo do Estado da India*, por Simão Botelho, fôra estipulado que as terras que os portuguezes e a casa de Bisnagar tomassem a Idalcão, as que ficassem dos Gattes para o mar, e as que se contivessem do porto de Bandá (na Oceania) até ao rio de Cintacóra (fronteiro a Angediva) seriam para Portugal; e as outras, para o imperio de Bisnagar. (*Subsidios para a historia da India Portugueza*, publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa).

A casa de Bisnagar (Vijayanagar), conhecida tambem pelo nome de Narsinga nas nossas chronicas, floresceu na India desde 1118 a 1565, dominando por tres seculos toda a parte meridional da peninsula. Com ella luctaram os sultões mahometanos do Deccan. A sua capital era situada no actual districto britannico de Bellary (Madrasta), á margem direita do Tungabhadra, sendo-lhe tributarios todos os outros reinos sul-indianos.

Estando o Deccan já invadido pelos musulmanos, e fraccionado por elles em cinco reinos independentes, é para luctar contra o de Bijapur, da dynastia de Adil-Xáhi ou Idalcão, que se fizéra a alliança entre D. João de Castro e Bisnagar. O reino de Sunda fôra tributario da casa de Bisnagar, antes de o ser de Portugal, com Gôa fôra tambem tributaria de Bisnagar, antes de ser conquistada e sujeita a Bijapur por Idalcão.

Em 1565, porém, as forças combinadas dos cinco reinos musulmanos tinham já derrubado o imperio de Bisnagar. E, embora os portuguezes tivessem conseguido, em

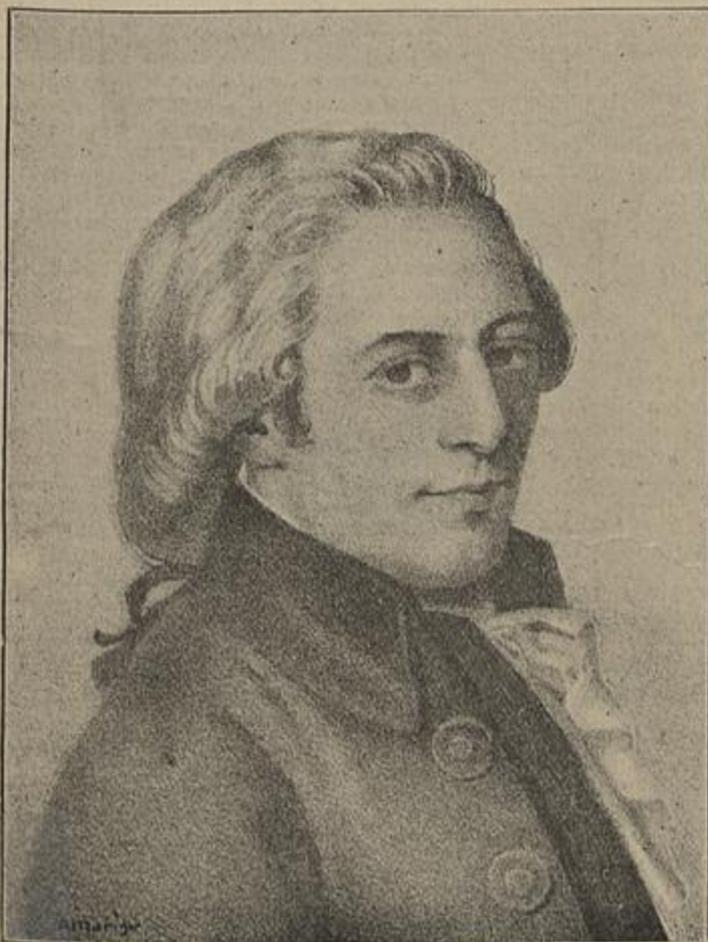
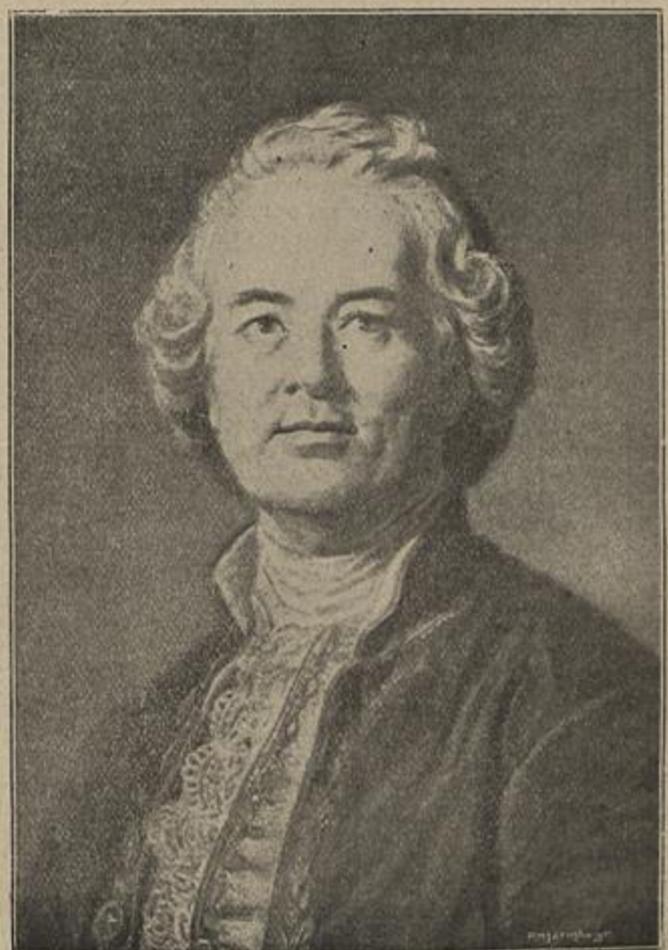
TERESA ARKEL

1600, expulsar de Sunda os hollandezes que a tinham invadido, o reino malaio de Sunda, sem o auxilio de Narsinga, não podia já luctar contra os invasores, e caíu.

Caindo tambem a casa de Bisnagar, e talvez por isso mesmo, fundava-se no Kanará o reino hindú de Sunda, ou de Sundém, por 1570 a 1580. A sua casa procedia igualmente da casa de Bisnagar. O seu territorio andára d'antes arrendado por esta, ou melhor, constituia um feudo, e confinava com as terras portuguezas pelo sul e leste, tocando nos Gattes e no antigo reino do Kanara. Isto é, faziam parte d'elle as nossas actuaes provincias de Pondá, Embarbacém, Cacorá, Chandrovaddy, Bally, Astragrar, Cabo de Rama, e Canácana, por outra, os actuaes concelhos de Pondá, Sanguém, Quepem e Canácana, das Novas Conquistas.

E ficára, portanto, tributario á casa de Idalcão, depois que este conquistára Bijapur.

Tendo, porém, em 1686-88, sido annexado este reino musulmano ao imperio Moghol de Aurengzeb, o governador da nossa India, conde de Villa Verde, nos *Capitulos* em que deferiu á proposta de amizade e paz com o rajah de Sunda, em 16 de agosto de 1697, lhe prometteu protecção e acolhimento em Gôa no caso de necessidade (*Boletim official da India*, n.º 102 de 1873).

No seculo immediato, o imperador Moghol tivesse ou não tivesse noticia d'esta promessa, fez doação gratuita de Pondá e suas dependencias aos portuguezes, por intervenção da sua valida, D. Julianna Dias da Costa, mulher d'um cirurgião portuguez que o conde de Alvôr mandára ao mesmo Moghol, e a qual, com esse valimento, prestou a Portugal grandes servi-

WOLFGANG MOZART

CHRISTOPH GLUCK

ços na côrte d'aquelle imperio, como se vê do officio do governador da India a Sua Magestade, de 10 de janeiro de 1786, e de outros documentos (cit. *Boletim*, n.^{os} 19 e 18, de 1874).

(Continúa) *Christovam Pinto.*

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1892-1893

Teve Regina Pacini o bom gosto de cantar, na noite da sua festa artistica, uma aria da opera *Flauto magico*, do maestro Mozart, opera que ainda até hoje nenhum emprezario levou á scena no theatro de S. Carlos!

O maestro Johan Chrysostomus Wolfgang Mozart, nasceu em Salzburg, em 27 de janeiro de 1756, e falleceu em Wien, na Austria, em 5 de dezembro de 1791.

Em 5 de abril, em beneficio do Instituto Ultramarino, houve um concerto, promovido por Pacini, que se compoz dos seguintes trechos: symphonias de *Orfeo ed Euridice*, *Semiramide* e *Tannhauser*, prelúdio do 3.º acto de *Lohengrin*, pela orchestra, aria do baixo e rondó do 3.º acto da *Lucia*, cavatina de *Semiramide*, cavatina da *Traviata*, rondó da *Sonnambula*, variações de Proch, e *carceleras* de Chapi, por Pacini.

Em 6 de abril, festa artistica de Giuseppe Kaschmann, 1.º e 3.º actos da opera *Tannhauser*, symphonia de *Semiramide*, e romanza da opera *Ballo in maschera*, por Kaschmann.

Em 8 de abril devia verificar-se a festa artistica de Teresa Arkel; mas um aviso affixado sobre os cartazes, annunciou ao publico, sem mais explicações, que não havia espectaculo, terminando assim, bruscamente, a epocha lyrica de 1892-1893. Foi este facto atribuido a divergencias, sobre interpretação de escriptura, e falta de pagamento, entre a cantora Arkel e o emprezario. O publico, porém, tomando partido pela artista, vendo esta em um camarote em uma recita, dada poucos dias depois, com espectaculo de declamação e concerto, em um beneficio da Sociedade promotora das creches, fez espontaneamente, á notavel cantora, uma ruidosa e prolongada ovação.

Foi na noite de 11 de abril de 1893, que se verificou esta recita em beneficio da associação promotora das creches, que constou do seguinte: 1.º acto da opera *Flavia*, de Adolpho Sauvinet, por Palmyra Cardoso Joyce, Alberto Macieira, José de Almeida, Giulio Rossi; 3.º acto da opera *Ernani*, de Verdi, por Maria Menezes de Alarcão, Alberto Macieira, Kaschmann e Rossi; symphonia da opera *I vespri siciliani*, de Verdi, scena da maldição da opera *L'ebrea*, de Halévy, por G. Rossi, *Eia Mater*, do *Stabat Mater*, de Rossini, por José d'Almeida, romanzas por Palmyra Cardoso Joyce, Rossi e José d'Almeida; *La nuit*, côro orpheonico de Gounod.

Os côros eram de amadores; e na orchestra tocaram artistas e amadores. Regeu o maestro Antonio Duarte da Cruz Pinto.

Na frisa 22 estava a cantora Teresa Arkel. O publico, que por vezes acclamou n'esta noite a distincta artista, fez-lhe no fim do concerto uma calorosa ovação, que Teresa Arkel agradeceu muito reconhecida e commovida.

Em 13 de abril, em beneficio do actor Valle, a companhia do theatro do Gymnasio representou o 2.º acto da comedia *As noivas do Eneas*, de Gervasio Lobato, e a comedia *A boca do lobo*, de Carlos Borges; a orchestra tocou as symphonias de *Semiramide*, e *Orfeo*. Silva Pereira fez uma scena comica, o beneficiado desempenhou tres scenas comicas, e Fiegna cantou a romanza da *Gioconda*.

Em 29 de abril houve um concerto dado pelo distincto pianista José Vianna da Motta, com a orchestra da antiga Associação 24 de Junho, dirigida por Victor Hussla.

O pianista Vianna da Motta tinha sido protegido pela condessa de Edla, e educado a expensas suas. Em um concerto, dado em 27 de abril de 1893, no salão do theatro da Trindade, pelo notavel artista, a que assistiu a condessa, o publico fez uma estrondosa ovação á viuva do rei D. Fernando.

No mesmo salão se havia verificado dias antes, em 10 do mesmo mez, um concerto dado pela Real academia de amadores de musica, em honra dos cantores Kaschmann e Arkel, sendo muito festejados estes artistas.

Foi a epocha theatral de 1892-1893 muito concorrida, brilhando o já conhecido barytono Kaschmann, e a prima donna Arkel, possuidora de bella voz de soprano e distincto methodo de canto, sobresaindo notavelmente nas operas de Wagner. Juntamente com estes cantores tambem brilharam na scena de S. Carlos os já conhecidos cantores: Regina Pacini, Amelia Stahl e Angelo Masini.

Póde-se dizer que, apezar de não ter subsidio, o emprezario Freitas Brito serviu o publico melhor do que o havia feito em epochas anteriores com a sobvenção do governo, e a scena lyrica resplandeceu mais do que nas referidas epochas, no que respeita á parte musical, porque no restante, dança, mimica, decorações, costumes, mechanismos, etc., isso esteve tudo abaixo da critica. A miseria do theatro de S. Carlos, n'estes artigos, chegou a tal ponto, que não é facil a um emprezario, mesmo com subsidio, dotar a primeira scena de Lisboa com o mais indispensavel do que lhe falta.

Coube a Freitas Brito a gloria, de ter feito ouvir em Lisboa, pela primeira vez, as operas de Wagner, subindo á scena o *Lohengrin*, em 1883, *Il vascello fantasma* e *Tannhauser*, em 1893, e de ter resuscitado o encantador *Orfeo*, de Gluck, que desde 1801, em que havia sido cantado pelo castrado Crescentini, e pelas damas Rosa Fiorini e Agatha Bevilacqua, jazia sepultado no archivo do theatro.

As operas dos dois grandes maestros allemães Gluck e Wagner, só foram representadas em S. Carlos depois da morte dos seus auctores.

Christoph Gluck nasceu em Weidenwang, no Alto Palatinado, em 2 de julho de 1714, e falleceu em Wien, na Austria, em 15 de novembro de 1787. Esteve muito tempo em França, na côrte da rainha Maria Antonietta, esposa do rei Luiz XVI, onde fez ouvir as suas composições, estabelecendo-se entre os amadores dois partidos rivaes, um que preferia a musica de Gluck, e outro que dava a preferencia ás composições de muito menor merecimento do maestro Piccini. Gluck foi um dos grandes reformadores da opera lyrica no seculo XVIII.

Wilhelm Richard Wagner, o grande reformador da opera lyrica na segunda metade do seculo XIX, nasceu em Leipzig, em 22 de maio de 1813, e falleceu em Veneza, em 13 de fevereiro de 1883.

Depois de finda a epocha lyrica houve algumas representações por uma companhia franceza de opera comica, por conta da antiga Associação 24 de Junho, que se aventurou n'esta especulação, em que os prejuizos se annunciavam muito provaveis, não concorrendo o publico á assignatura de camarotes e platéa, o que logo prognosticava naufragio.

Os preços eram os seguintes:

	Por assign.ª	Avulso
Frizas com 5 entradas.	7$500	10$000
1.ª ordem	9$000	12$000
2.ª »	5$000	7$000
3.ª »	4$000	5$000
Torrinhas	2$700	3$500
Platéa	700	1$000
Galerias	400	500
Varandas		300
Entrada geral com direito a varanda		300

Os primeiros artistas eram:

Damas: Tarquini d'Or, Mezerai, Block, Dorban, Barelly (2.ª dama).

Tenores: Guibertheaut, Gandubert, Barial (comico).

Barytonos: Rouhier, Maillaud, Devoyod.

Baixos: Darnaud, Fronty (2.º).

O reportorio foi o seguinte:

Mireille, de Gounod, em 3 de maio de 1893, por Cécile Mezerai, Dorban, Gandubert, Rouhier, Darnaud.

Le songe d'une nuit d'été, d'Ambroise Thomas, em 4 de maio, por Block, Guibertheaut, Maillaud, Darnaud.

Faust, de Gounod, em 6 de maio, por Block, Dorban, Barelly, Gandubert, Rouhier, (e depois Devoyod), Darnaud, Fronty.

Galathée, de Victor Massé, em 9 de maio, por Block, Guibertheaut, Barial, Darnaud.

Le maître de chapelle, de Paër, em 9 de maio, por Dorban, Barial, Rouhier.

Carmen, de Bizet, em 13 de maio, por Tarquini d'Or, Block, Dorban, Bonafous, Gandubert (e depois Maillard) Guibertheaut, Barial, Rouhier, Fronty, Darnaud, Papoz, Nelenne.

Les dragons de Villars, de Maillard, em 17 de maio, por Tarquini d'Or, Dorban, Barial, Maillaud, Rouhier, Fronty, Lavallière, Moureau.

Mignon, d'Ambroise Thomas, em 26 de maio, por Tarquini d'Or, Block, Gandubert, Guibertheaut, Barial, Darnaud, Fronty, Desfassio, Le Roy.

Em 22 de maio, em beneficio das victimas dos temporaes do Douro, organisado por uma commissão de senhoras, sob a protecção da rainha D. Amelia, houve o seguinte espectaculo: 1.º e 2.º actos do *Faust* pela companhia franceza; a comedia *A morte do gallo* pela companhia do theatro do Gymnasio; tocou piano Vianna da Motta; Tarquini d'Or cantou umas cançonetas.

Em 28 de maio, á 1 ½ hora da tarde, no salão do theatro de S. Carlos, em beneficio do maestro Emilio Lami, houve um concerto em que Emilio Lami tocou piano e orgão; Maria Vianna, violino; Cesare Bonafous, violoncello, e cantaram Gerarda Vianna, Dorban e Rouhier.

Em 30 de maio, festa artistica e despedida de Tarquini d'Or; representou-se 1.º, 3.º e 4.º actos da *Carmen*, final do 1.º acto e aria do 2.º, da opera *Fille du régiment*, de Donizetti, por Tarquini d'Or, Barelly, Guibertheaut, Darnaud, Barial, Moureau.

Em 3 de junho, em despedida da companhia, deu-se o 3.º acto de *Faust*, e 1.º e 3.º do *Rigoletto*, de Verdi, por Block, Barelly, Bonafous, Gandubert, Devoyod, Guibertheaut, Fronty, Desfassio, aria da loucura da opera *Charles VI*, de Halévy, por Devoyod.

Em 9 de julho, á 1 ½ hora da tarde, no salão de entrada do theatro de S. Carlos, houve um concerto, promovido pelo barytono portuguez Baptista Rego, em que este cantou uma romanza *Se fosse*, de Quaranta, duetto da opera *Favorita*, com Gerarda Amorim Vianna, e o arioso da opera *Re di Lahore;* Isabel Morini cantou a romanza do 4.º acto da *Forza del destino*, e a aria do suicidio da *Gioconda*, Gerarda Vianna cantou a *Serénade*, de Braga; Xavier Vieira cantou a romanza *In alto mare*, de Caponi; tocou piano Vianna da Motta, e alguns trechos o sexteto Quilez.

No anno de 1893, dois novos cantores portuguezes appareceram na scena lyrica; Joaquina Fernandes, que debutou em fevereiro na *Favorita*, de Donizetti, em Alessandria, na Italia, que depois cantou tambem no theatro de Savona, e Baptista Rego, barytono portuguez, que cantou em concertos em Lisboa, e foi contratado para o theatro de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel.

Em 22 de março do mesmo anno representou-se com successo no theatro Régio, de Torino, em Italia, a opera *Irene*, do maestro portuguez Alfredo Keil, dirigida por Marino Mancinelli.

Em 18 de outubro de 1893, falleceu em Paris, o illustre maestro francez François Charles Gounod, o auctor da opera *Faust*, que tantas vezes tem subido á scena no theatro de S. Carlos, tanto em italiano como em francez. Alguns insinuaram não ser Gounod o auctor do *Faust*, mas sim um joven e desconhecido compositor, que lhe confiára a partitura, e que uma morte prematura riscou do rol dos vivos. O facto de serem todas as outras operas, de Gounod, muito inferiores ao *Faust*, e não revelarem claramente o mesmo estylo do maestro, concorreu para dar corpo áquelles boatos. Gounod dedicou-se muito á musica sacra; dando á luz composições religiosas de merecimento, como são as oratorias *Mors et vita*, *Rédemption*, a *missa* em memoria de *Jeanne Darc*, etc. Gounod tinha nascido em Paris em 17 de janeiro de 1818.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

O CANTADOR DE SETUBAL

Meu amigo e sr. Caetano Alberto — Para corresponder á sua fineza de querer reproduzir no seu OCCIDENTE, o retracto d'este afamado cantador, auctor do livro de versos de que, ha dias, lhe ofereci um exemplar, envio-lhe essa glosa, tal qual consta do manuscripto que recebi directamente do auctor, feito por seu filho. Será para elle muito agradavel ver essa sentida composição, a par do seu retrato, archivados n'uma illustração tão antiga e conceituada como é o OCCIDENTE.

E já agora permita-me aproveitar a opportunidade de dizer publicamente (pois que o caso merece-o), que o povo de Setubal, em pouquissimos dias, comprou directamente, mão a mão, ao sr. A. Eusebio, 200 exemplares do seu livro, isto é, o maximo do numero de que lhe foi dado dispor; e é ponto averiguado já, que os setubalenses lhe teriam tomado os 100 restantes, para o completo de 300, que tantos foram os que os editores generosamente lhe offereceram em seu proveito. Não poude, todavia, ser assim, porque d'essa centena, 50 foram destinados para offertas a pessoas e jornaes,—como deferencia simplesmente, e não por

necessidade de reclame—, e o outro meio cento serviu para apresentação ao publico abrindo a venda em Lisboa, Porto e Coimbra.

Ao invalido calafate, antigo interprete das paixões populares, quizeram assim os seus conterraneos, n'um impulso de confraternidade, cujos resultados embora já extraordinarios ficaram áquem da expanção das suas intensões, quizeram assim, elles, apoiar e secundar a iniciativa d'um extranho, que trouxe o seu cantador, aos 80 annos, não direi para o sol da gloria, mas, certo, para a larga publicidade, concorrendo simultaneamente para o seu bem estar.

O povo, na sua espontaneidade, da-nos licções d'estas, sãs e consoladoras... sem *kermesses*.

Seu amigo grato

H.

AO SR. GUERRA JUNQUEIRO

MOTE

Eu já não sou cantador,
Já perdi o meu saber,
A minha sorte me tem feito
Desgraçado até morrer

GLOSA

Eu fui cantador que pude
No canto fazer firmeza,
Cantei com toda a franqueza
Nos annos da juventude.
Velho, falto de saude,
Já perdi todo o valor,
Seja ao pé de quem fôr,
Ache-me onde me achar,
Não devo a voz levantar,
Eu já não sou cantador,

Apagou-se-me essa chama,
Perdi o valor do peito,
De cantar perdi o direito,
Agora, choro na cama.
Até ja perdi a fama,
Não tenho mais que perder.
Meu Deus: que heide fazer?
Triste, coitado de mim!...
Emfim, senhores, emfim,
Já perdi o meu saber.

Illustre Guerra Junqueiro,
Homem de tanto talento,
Que dá tanto merecimento,
A um pobre velho rasteiro!...
Elle o poeta primeiro
Que ninguem lhe põe defeito!
Eu, nada faço com geito,
Tenho um juizo volante...
Pobre velho ignorante
A minha sorte me tem feito.

Essa ideia illustrada
Que engrandece os versos meus,
Receba a bençam de Deus,
Que é a bençam sagrada.
Elle é tudo, eu não sou nada,
Nada sou nem hei-de ser.
Como posso agradecer
Tanta bondade e afecto?
Serei um triste analfabeto
Desgraçado até morrer.

Antonio Eusebio.

(**Nota**: a ultima decima é allusiva as palavras com que Guerra Junqueiro termina o prefacio do livro).

LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

XIII

O interessante periodico *Moniteur de lophotographie* recommenda o emprego do metal como revelador.

As soluções a empregar, deverão ser:

A	A metabisulphito de potassio	32 gr.
	Metol	10 »
	Agua	320 »
B	Carbonato de potassio	66 »
	Agua	384 »

Tomar-se-ha respectivamente de cada uma das soluções, duas partes da primeira para uma da segunda, ao qual deveremos juntar 30 ou 40 partes d'agua.

Ha vantagem em substituir a solução B., pela que, adiante mencionamos, afim de evitar o apparecimento do *vello* nas chapas, devido ao excesso de carbonato.

De preferencia utilisar-se-ha a uma mistura de carbonato e bisulphito de soda nas seguintes proporções.

C	Carbonato de potassio	74 gr.
	Bisulphito de soda	75 »
	Agua	514 »

O que, sobretudo caracterisa o metol, é o facto d'esta substancia se não oxydar facilmente ao ar.

XIV

O papel *aristo* pode facilmente ser transformado em papel brometo se o mergulharmos em uma solução de brometo de potassio a 10 %, durante cerca de um quarto de hora, e o seccarmos, n'um local privado de luz.

Eis como se vê um processo bastante rapido.

Um outro processo tambem dá resultados analogos.

Consiste em mergulhar o papel *aristo* n'um banho composto de:

Agua quente	300 c3
Brometo d'ammonio	20 gr
Sulphato phenico	15 »

No fim de 5 minutos, se tirar-mos do banho, o papel n'elle impregnado, resulta d'ahi a formação de um papel perfeitamente semelhaute ao papel brometo pela formação do brometo phenico e sulphato d'ammonio.

A. M.

FA SUSTENIDO

POR

Alphone Karr

LII

O homem dos oculos azues tinha um só quarto, cuja mobilia eram as quatro paredes, uma cama de lona, uma cadeira e uma rabeca.

Quando fecharam a porta:

—Queira, disse Conrado, fazer-me o favor de me cantar a tal cantiga.

—Com o maior gosto.

E logo que afinou a rabeca e tocou um preludio de menos máo comprimento, cantou bastante mal acompanhando-se mediocremente:

Komm, lieber mai, und mache...
Volta, querido mez de maio...

Logo ás primeiras notas, o Barão fez-lhe signal para parar, dizendo com desanimo:

—Não é isso.

—Olé se é! respondeu o musico.

E continuou e acabou sem que o Barão tentasse outra vez interrompel-o.

—Porque, diabo, cuidei eu, que a tal cantiga havia de ser a minha? pensava Conrado.

—Sr. disse elle ao musico, quando este acabou, peço-lhe mil desculpas. O que lhe vou dizer vai parecer-lhe decerto exquisito; mas, assim como cá tenho a minha doidice, o sr. ha de ter a sua. Procuro ha que tempos o final d'uma cantiga, de que apenas me lembra o principio, e calculei, não sei porquê, que a cantiga de que falou fosse a tal.

—Talvez, talvez a saiba... Vivi no seu paiz muito tempo e não ha homem que saiba tantas cantigas como eu.

Conrado cantou o principio, mas o musico não a sabia.

—Se tivesse tempo, tenho ali um bahu todo cheio de musicas allemãs, talvez lá esteja a que deseja...

—Que horas tem? perguntou o Barão.

—Não tenho relogio.

—Pergunte ahi pela janella á porteira.

O homem enfiou, porque a mulher ou não lhe respondia ou dizia-lhe uma inconveniencia. E só com a idéa de tal humilhação se fez todo córado. Entretanto abriu a janella.

A porteira estava no pateo, não havia meio de dizer ao Conrado que ella não podia ouvir.

Felizmente, uma senhora a inquilina mais rica da casa, ia n'esse instante atravessando o pateo. O homem pensou:

—Estou salvo!

Chamou a porteira e perguntou-lhe as horas. A mulher não se atreveu a nenhuma inconveniencia deante da senhora que ia atravessando o pateo e até respondeu com voz meliflua:

—Duas horas.

—Vou-me embora, disse o Barão; mas, se tivesse tempo, fazia-me favor acceitando uma proposta. Cada qual vive do seu officio; tambem eu não sou diplomata de graça. Não seria justo que o sr. tocasse sem receber a paga. Se quizer mandar para minha casa todas essas musicas e ir lá tocar todas as manhãs um bocadinho, talvez achemos a musica que procuro. Dou-lhe dez florins por dia.

O musico inclinou-se; a proposta parecia-lhe um sonho.

—Pago-lhe já um mez adeantado, se me dá licença.

E pondo seiscentos francos sobre a cama de lona, sahiu, deixando a morada ao musico assarapantado.

Conrado, que por muito tempo fôra pobre, comprehendêra aquella pobreza.

Ao cabo de oito dias, tinham exgotado as musicas todas. Conrado declarou que nunca mais queria ouvir musica. Todos os musicos ambulantes que a sua generosidade atrahiu ao pateo da casa, foram despedidos. Nunca mais foi ao theatro e só acceitava convites para passar a noite onde não lhe dessem musica; era condição expressa.

LIII

N'um sarau em que se dignou apparecer, muitos diplomatas procuraram saber o verdadeiro motivo da viajem de Conrado a Paris. Deu como explicação o estado de sua saude, evidentemente má e cada vez mais fraca. Agitaram-se depois as mais altas questões politicas e sociaes; falou-se de interesses de diversos reis e povos; do passado, do presente e do futuro de cada nação, cada qual, como é costume, pondo á frente o bem publico como unico alvo e motivo de suas acções e ambição.

Desde o começo da palestra, Conrado achara-se sentado ao pé do cravo, e sem querer, nem mesmo dar por isso, puzera-se a tocar com um dedo a tal cantiga, acabando sempre no *fa*, tornando a começar e parando outra vez.

A musica tornou-se por tal forma insupportavel e irritante que muitos se levantaram e, apresentando differentes pretextos, foram sahindo.

Quanto a Conrado, acordando lembranças que porfim o absorveram absolutamente, não deu por ter ficado só com o dono da casa, o qual, dirigindo-lhe muita vez a palavra sem que elle lhe respondesse, acabou por pegar n'uma flauta e pôr-se a tocar as mesmas notas que tocava o Barão. A desafinação dos dois instrumentos acordou-o.

—Ah! disse. E sabe como isso acaba?

—Eu não sei, respondeu o dono da casa. E o sr.?

—Eu tambem não.

LIV

—Não irei á Italia, dizia comsigo. Bem basta o que em França me massaram com a musica italiana.

«Em quanto se escreve todos me massam com discripções de Italia ou de Hespanha. Não ha máu fazedor de versos, amante da sua lavadeira, que não se contenta com elle, que não deixe de reclamar um céo azul, mulheres lascivas, italianas d'olhos pretos, cabellos pretos...

«Todos elles em côro não falam senão de S. Pedro, da columna de Trajano, do Vaticano, das villas, emquanto que por aqui, não indo nunca á egreja, passam os dias e metade das noites nas tabernas mais immundas.

«—Dêem-nos mulheres hespanholas e toiradas, toureiros e touros a bramirem!

«E, se ao lado de qualquer d'elles, na rua, passa uma vacca coxa que vai para o mercado ou um boi mutilado que vai para o matadoiro, logo escondem o cordão do relogio que teem uns fios vermelhos, não vá o animalzinho repontar.

«Não parto senão para onde quero morrer e senti a vida, para Ober-Wesel, onde conheci Branca, onde a erva se acamou sob seus pésinhos.

«Não posso entregar-me ao que os outros chamam prazer, sem que o tédio, tal como esqueleto horrivel, venha com sua mão fria, suster a taça que eu levava á bocca.

LV

—Branca! minha Branca!

«Diabos me levem se ainda me lembra o teu rosto! Já nem sei se és feia ou bonita, se tens graça ou se és tola.

«O que sei é que te vi linda, como nenhuma outra mulher depois de ti. E' que te ouvi a voz no

meu coração e as outras só os ouvidos nos encantaram.

«Branca, minha Branca!

«Quando um pastor grita: — O lobo! o lobo! não é pelo lobo que elle chama: o que elle chora, o que elle quer com os seus gritos é o cordeiro que o lobo lhe roubou.

«O que eu choro, aquillo porque brado, não és tu, mulher, que deves parecer-te com todas, é pela aptidão para a felicidade, agudeza de sensação, vehemencia nos pezares e alegrias, o amor que nunca mais achei onde empregal-o.

«Uma hora d'esse amor como então o senti, d'essa ventura em que meu coração se derretia como cera ao lume, ou, se isto é querer muito, pelo menos uma hora das angustias do meu ciume ou da separção que a alma me dilaceraram e cujo soffrimento agora me parece cheio de amarga voluptuosidade! Sentir a alma a esfarrapar-se, é sentir que se tem uma alma!»

«Debalde expremo hoje a vida para que deite uma gota da essencia exgotada.

LVI

— Caro senhor, disse o medico, depois da morte é tudo um mysterio impenetravel. Alegrias ou dôres reservadas para o homem que desceu ao tumulo, são do tumulo segredo.

— Falemos portanto da vida. O meu soffrimento é constante. Não posso descançar nem estar quieto, o fato incommodame, queima-me como a tunica do centauro; parece-me que tenho na cabeça um capacete de chumbo, cada vez mais apertado e pesado, tornando obtusas as minhas sensações. Sinto o corpo tão quebrado, que me parece que só elle supporta o peso todo da atmosphera; debalde o espirito tenta reagir, tambem elle adormece e cae na mesma lethargia.

— Evite pensamentos melancolicos e lembranças tristes. Procure idéas risonhas e distraia-se.

— E' como quem diz a um mendigo de estomago enfraquecido pela abstinencia e pelo jejum: — «Beba bons caldos e vinho do Porto.»

— Dei-lhe quantos recursos nos ensina a medicina physica; tenho que falar agora á sua fantasia e não tenho melhor conselho a dar-lhe.

Conrado cahiu n'um profundo scismar. O medico esperou um bocado, mas vendo que o Barão continuava com a cabeça entre as mãos e não parecia disposto a voltar a si, cumprimentou e sahiu sem fazer bulha.

Passou-se uma meia hora. O Athanasio entrou para ajudar a vestir o amo; mas vendo-o assim preoccupado, deixou-se ficar de pé, perto da porta.

— Sr., continou Conrado sem erguer a cabeça nem tirar a mão dos olhos, tenho vontade de fazer o meu testamento. Sinto-me enfraquecer cada vez mais e o tedio que tenho da vida parece-me bastante para desarreigal-a do corpo. Póde dizer-me, sem reservas, o que pensa a tal respeito; é com indizivel alegria que penso no instante em que hei de abandonar este corpo que, de ha annos a esta parte, se me tornou pesado fardo incommodo. Responda: julga que supportarei a viagem d'aqui até Ober-Wesel?

— Senhor, disse o Athanasio, exaggera a sua doença; entretanto...

O Barão ergueu a cabeça.

— Que é do medico?

— Foi-se, ha mais de meia hora.

— Ah! E que fazias tu ahi?

— Esperava que v. ex.ª se quizesse vestir.

— Pois, já que ouviste o que eu cuidava dizer ao medico, vaes por elle responder-me e talvez mais acertadamente.

— Francamente parece-me, disse o Athanasio, que v. ex.ª se julga mais doente do que na realidade está. Entretanto não creio que v. ex.ª vá por ahi fóra até aos duzentos annos, como o meu bisavô, e é certo que um homem nunca tem de arrepender-se d'uma precaução prudente.

— Tens razão, vou tratar do meu testamento. Vae-te embora.

LVII

«Eu, Conrado Krumpholtz, morrendo rico e honrado, declaro que a vida é uma mystificação, não da sorte, como alguns dizem, mas do homem contra si mesmo, quer a si mesmo se imponha vida, felicidade, deveres, virtudes maiores do que elle, quer completamente fóra da sua natureza.

«A primeira metade da vida passa-se a desejar a segunda, e a segunda a ter saudades da primeira.

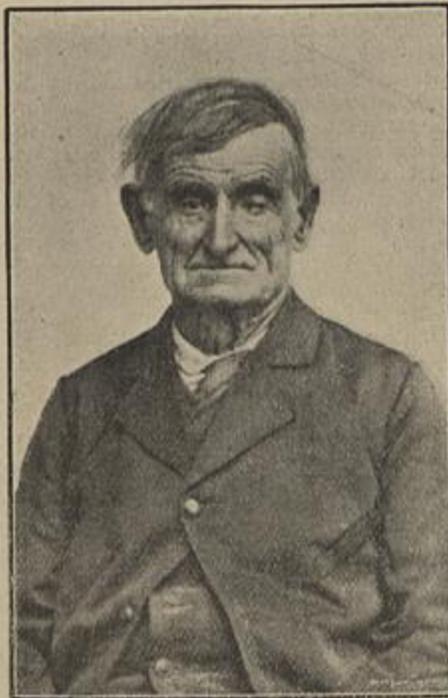
«Prometto expirar rindo de minhas doidas credulidades para que nos meus labios fique o sorriso ironico, cuja expressão ensine os que virem a minha mascara moldada em gêsso, que deve ser tirada logo que eu morra, isto no caso que vida ou morte d'um homem possa servir de ensino para os outros.

«A Branca Strœnitz, natural de Ober Wesel, se ainda fôr viva, deixem-lhe quanto é meu, seja a que titulo fôr, com o encargo de pagar os legados seguintes:

«Ao Athanasio, meu criado, 4.000 florins.

«A Pedro Lorrain, artista musico, o homem dos oculos azues, por me ter dado quinze dias de impaciencias e de agitações e por consequencia de vida real, 10.000 florins.

«A cada mulher ou rapariga de Ober-Wesel que se chama Branca, 500 florins e um ramo de flores azues.

(Continua).

ANTONIO EUSEBIO — O CANTADOR DE SETUBAL

Recebemos e agradecemos:

Versos do Cantador de Setubal *(Antonio Eusebio o «Calafate») — Reunidos, collecionados e seguidos d'algumas palavras acerca da vida do auctor por um seu amigo — Prefacio de Guerra Junqueiro — Lisboa, 1901.*

Fomos brindados com o n.º 47 dos exemplares offerecidos d'este livro de versos, que em nome do auctor nos enviou o seu amigo que organisou o livro, pois que o poeta é analphabeto e orça pelos 80 annos e meio da edade. Mas nem a velhice nem a ignorancia obstam o que elle revele o natural talento de que é dotado. Os seus versos são dignos do conhecimento publico e constituem um grande ensinamento pelas condições do auctor.

Vive elle em Setubal, e nas romarias dos suburbios não é raro vel-o a vender em folhas volantes composições suas allusivas á festa. E d'isso vive, porque velho e cançado de ha muito que não maneja a maceta e o escoporo do officio de calafate, do que lhe deriva a alcunha junta ao nome de Antonio Eusebio.

Um amigo seu, que em tempos idos manteve com elle desafios poeticos, de que muitos individuos de Setubal ainda se recordam, teve a feliz lembrança de colleccionar ultimamente as composições do velho cantador e organisar o livro presente, cujo producto lhe offereceu em lembrança saudosa d'aquelles bons tempos.

Bem haja, pois que prestou um serviço tão valioso para proveito do poeta como do publico.

Entre as variadas composições do velho *Calafate* ha algumas deveras notaveis, pelo subido conceito, pelo elevado pensamento. E embora, como é facil de comprehender, a forma seja descurada, não é tanto como seria licito imaginar. Os motes são bem glosados e as decimas bem feitas. Terá repetições nas rimas, mas a intuição no emprego de certas palavras é admiravel.

Quantos dos nossos poetas desejariam possuir a inspiração que aquelle velho cantador apresenta. O que se encontra collecionado no livro é o bastante para se aquilatar do seu estro tão espontaneo e natural. E, todavia, é uma pequena parte, porque com os annos muitas cantigas lhe esqueceram, e apagadas da sua memoria, um ou outro conterraneo se recorda do titulo, e as conserva copiadas. Mas não foi possivel reunil-as todas no volume.

Em outro logar do nosso periodico se estampa hoje o retrato de Antonio Eusebio, e se dá á luz da publicidade uma das suas ultimas poesias. Mas para que se aprecie o seu estro em outros generos, destacamos do livro para aqui um mote e glosas que são magistraes e que constituem uma composição de grande valor, e de um sentimento e conceito profundissimos:

A CAVEIRA DE MEU PAE

MOTE

A caveira de meu pae,
Sem ter lingua me falou:
— Olha, filho, o triste estado
Em que a morte me tornou.

GLOSA

Um dia de finados
Ouvi da morte os signaes,
Fui ver os restos mortaes
Dos nossos antepassados.
Eu vi os ossos mirrados
Que da sepultura sahem;
Suspirei e dei um ai;
Meu coração palpitava
Que alli, aos pés, estava
A caveira de meu pae.

Oh querido pae amado,
A quem eu visitar venho!
Bem sabes que eu sempre tenho
As tuas cinzas honrado,
Queria ser abençoado
Por quem tanto me estimou!
E o meu ouvido escutou
Essa voz tão conhecida,
Que uma caveira comida,
Sem ter lingua, me falou.

Oh filho, que vens buscar
A este logar penoso?
Vens perturbar meu repouso
Ou por minha alma rezar?
Aqui, só podes achar
As lembranças do passado,
Já não sou teu pae amado
Que te deu tanto conselho,
Se queres vêr um espelho,
Olha, filho o triste estado.

Vae, filho, que eu ficarei,
Vae tratar dos teus affectos,
Vae ensinando aos teus netos
Tudo que eu te ensinei.
Um dia te chamarei,
Como meu pae me chamou.
No estado em que eu estou,
Teus filhos me virão ver,
E verão o triste ser
Em que a Morte me tornou!

A satyra é-lhe tambem familiar, graciosa, inoffensiva, e até finamente ironica. Tambem as tem mordazes, de sabor especial, mas que no livro não se compilaram porque, dil-o o poeta, nem todos gostam de beber em todas as fontes.

Pelo modico preço de 300 réis se vende o livro, contendo 412 decimas; podendo requisitar-se qualquer numero de exemplares ao auctor, Travessa Jorge d'Aquino, 7, loja, Setubal. Tambem se encontra á venda nas livrarias da capital, pelo que é facil adquiril-o.